
Quarentena com dona Helena: o tratamento cômico do cotidiano pandêmico.¹

Hellen Camara Nogueira²

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, SP

Resumo

O presente artigo investiga as escolhas de tratamento das temáticas do cotidiano pandêmico realizadas pelo Porta dos Fundos na série *Quarentena com Dona Helena*, com base na análise de dez episódios exibidos em 2020. A partir dos referenciais teóricos de Mikhail Bakhtin (2003), Linda Hutcheon (1994), Humberto Eco (1984), Roger Silverstone (2002) e Stuart Hall (2003), examina-se como a personagem e os discursos narrativos são construídos em diálogo com os principais assuntos em destaque no cotidiano nacional nos primeiros meses da pandemia de Covid-19.

Palavra-chave: pandemia de covid-19; cotidiano; Porta dos Fundos; crítica social.

Introdução

Em 2020, o Brasil e o mundo foram tomados pela pandemia de covid-19³. A sobrevivência da humanidade dependeu, então, de medidas sanitárias extremas, como o isolamento social e aumento no cuidado com a higiene pessoal. Tais precauções trouxeram como consequências, entre outras tantas, a necessidade da busca por meios de manutenção da regularidade das atividades cotidianas mais comuns, como trabalhar, estudar, realizar uma consulta médica ou ir ao supermercado. Deste modo, o suporte das mídias e tecnologias digitais foram essenciais para que a sociedade continuasse a executar suas funções, mesmo com a imposição do distanciamento físico.

Assim como em outras esferas produtivas, a audiovisual foi drasticamente impactada pelas ações de isolamento social e restrições sanitárias, levando à paralisação de gravações presenciais, adiamento de estreias e fechamento de cinemas e estúdios. Para contornar as limitações, emissoras de TV, plataformas de streaming e criadores de conteúdo online adotaram soluções criativas: programas passaram a ser gravados remotamente, com equipes e apresentadores em casa; conteúdos de animação e arquivos

¹ Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/ Unesp, email: hellencamara@gmail.com.

³ A pandemia de covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, teve início em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China, e se espalhou rapidamente pelo mundo. Declarada pandemia pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, a crise sanitária provocou milhões de mortes, sobrecarga dos sistemas de saúde, recessão econômica global e profundas transformações sociais, culturais e políticas.

de acervo ganharam espaço na programação; produções colaborativas à distância e formatos híbridos começaram a ser explorados.

Neste cenário, o canal *Porta dos Fundos*, do *Youtube*, passou a experimentar a elaboração de formatos e narrativas que preservassem o isolamento social ao mesmo tempo em que usava as temáticas e estéticas impostas naquele momento social para compor seus textos. Uma das produções deste período foi a série *Quarentena com dona Helena*, produzida pelo comediante Fabio de Lucas. Com dez episódios no decorrer de 2020, os esquetes dialogavam, mediante ironia e exageros, com os acontecimentos do cotidiano pandêmico que se destacavam nas mídias.

Este artigo propõe, com base no exame dos episódios protagonizados por *Dona Helena*, em 2020, verificar como a personagem e os discursos narrativos são construídos em diálogo com os principais assuntos em destaque no cotidiano nacional nos primeiros meses da pandemia de Covid-19. De início, serão abordados a construção da personagem e seu ambiente cênico. Em seguida, serão discutidos aspectos que marcaram o cotidiano pandêmico e suas relações com as narrativas de humor. Por fim, serão apurados as escolhas para os tratamentos das temáticas narrativas dos esquetes estudados.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram considerados os esquetes⁴: *Na quarentena com Dona Helena* (3m13s, 23 de março de 2020), *Dona Helena tem álcool gel* (3m, 1º de abril de 2020), *Quarentena com dona Helena – Cloroquina* (2m26s, 8 de abril de 2020), *Quarentena com dona Helena – Vacina* (3m08s, 15 de abril de 2020), *Quarentena com dona Helena – 600 reais* (2m26s, 21 de abril de 2020), *Quarentena com Dona Helena – Ciência* (3m10s, 1 de maio de 2020); *Cloroquina do dia seguinte* (2m50s, 25 de junho de 2020), *Dona Helena – Saindo da Cisterna* (2m32s, 2 de julho de 2020), *Dona Helena no Drive In* (3m15s, 5 de outubro de 2020) e *Dona Helena – Especial de Ano Novo* (11m15s, 31 de dezembro de 2020).

Na quarentena com dona Helena

Com a tela privilegiando o sentido horizontal, como sendo apresentado para se visualizar de um celular, em um ambiente escuro e com o rosto iluminado por uma lanterna, com algumas latas de milho e rolos de papel higiênico a sua frente, *Dona Helena* – personagem criado e interpretado pelo humorista do *Porta dos Fundos*, Fábio de Lucas

⁴ Todos os esquetes podem ser visualizados na playlist do canal *Porta dos Fundos*, no YouTube, disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLT0Smhj8chMVgxh2hTQe2USI7Tfr1ceEU>

– surge para dar notícias a sua família de como estava sua vivência em isolamento social motivado pela pandemia de Covid-19. No primeiro episódio, exibido no dia 24 de março de 2020, *dona Helena*, discorre por cerca de três minutos, em seu “boletim de notícias”, sobre os assuntos que passaram a ser comuns no cotidiano dos brasileiros, como a reclusão social, estocagem de itens de necessidade básica, o uso das tecnologias para manutenção do contato social, posicionamentos políticos, (des)informações passadas por meio de grupos de whatsapp e receitas caseiras para questões de saúde física e espiritual.

No ano de 2020, no desenrolar de mais nove episódios, a personagem se apresentou como uma típica avó pertencente à classe C, conservadora, religiosa, alheia a saberes científicos, mas engajada em informações duvidosas circulantes pelo WhatsApp. A personagem foi descrita, em matérias jornalísticas⁵, como uma representação caricatural e crítica da figura da “tia do Zap”: personificação associada à disseminação de conteúdos enganosos via mídias eletrônicas. Nota-se que, por meio da linguagem exagerada, dos trejeitos performativos e da estrutura dos esquetes (quase monólogos diante da câmera), são expostos comportamentos sociais e políticos que marcaram o Brasil no auge da crise sanitária.

Neste sentido, a construção da personagem Dona Helena pode ser compreendida a partir dos conceitos de polifonia e ironia desenvolvidos por Bakhtin, Hutcheon e Eco. Segundo Bakhtin (2003), a polifonia é uma característica fundamental dos discursos que se estruturam pela justaposição e tensão entre múltiplas vozes sociais. No caso de Dona Helena, sua fala encena não apenas uma opinião pessoal, mas uma narrativa carregada de posições ideológicas que remetem a mensagens amplamente disseminadas em redes sociais durante a pandemia.

O conflito entre o que é dito e o que se entende insere a personagem no campo da ironia, tal como definido por Hutcheon (1994). A ironia não é, então, apenas uma figura retórica, mas um processo relacional que exige uma operação interpretativa por parte do público. Trata-se de uma prática discursiva em que o sentido não reside apenas no enunciado, mas no intervalo entre o literal e o implícito, entre a voz da personagem e a leitura crítica que dela se faz. Dona Helena só se estabelece como dispositivo de crítica

⁵ UOL Entretenimento, **Ator faz sucesso como 'tia do Zap' que espalha fake news**. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/07/16/ator-faz-sucesso-com-tia-do-zap-que-espalha-fake-news.htm>. Acesso em: 16 jun. 2025; Terra, **‘Dona Helena’, do Porta dos Fundos, ironiza pessoas que espalham fake news sobre a covid-19**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/gente/dona-helena-do-porta-dos-fundos-ironiza-pessoas-que-espalham-fake-news-sobre-a-covid-19,b86d6d6672cf2b043ed2c96ad7cf82d8v8c3nk4u.html>. Acesso em: 16 jun. 2025;

social se houver, por parte do espectador, a percepção da incongruência, ou seja, a capacidade de perceber que o discurso é absurdo justamente por ser levado a sério demais.

Esse jogo entre enunciado e recepção é aprofundado por Eco (1984), que defende a ideia de que todo texto projeta um “leitor modelo”: alguém capaz de cooperar na construção do sentido a partir de pistas textuais e culturais. A performance de Dona Helena convoca esse leitor/espectador ao mobilizar referências intertextuais com falas políticas, memes, *fake news* e slogans religiosos. O sentido pleno do humor só se realiza conforme o público reconhece as camadas e compreende a operação de ironia em curso.

O cotidiano pandêmico

Por cotidiano, entende-se o espaço comum e recorrente em que os indivíduos experienciam a vida e o mundo desde seu nascimento, em constante relação com estruturas social e historicamente constituídas, como linguagens, objetos, tradições e práticas culturais (Correa, 2005; Heller, 1985). Trata-se de um campo dinâmico de interações, no qual os sujeitos agem sobre essas estruturas e, ao mesmo tempo, são moldados por elas, produzindo e reproduzindo sentidos, símbolos e artefatos em um movimento contínuo de construção social da realidade (Certeau, 2004; Berger & Luckmann, 2014).

Antes do advento dos meios de comunicação de massa, as instituições como família, escola, igreja, Estado e ambiente de trabalho eram as principais fontes de repertório para o aprendizado da vida em comunidade e a construção do universo simbólico necessário à interpretação do mundo. Com a chegada desses meios e, posteriormente, da *Internet*, houve um deslocamento do papel central dessas instituições, e os novos dispositivos passaram a integrar o processo de constituição social dos sujeitos.

Para Silverstone (2002), por estarem em constante contato com a mídia, os sujeitos acabam por se tornar dependentes dela, tanto para fins de entretenimento quanto de informação, convertendo-a em um membro indispensável da vida cotidiana, que participa da textura geral de experienciar e compreender o mundo, produzindo e compartilhando significados. Esses movimentos fazem com que a entrada no espaço midiático seja, ao mesmo tempo, uma “transição do cotidiano para o liminar e uma apropriação do liminar pelo cotidiano. A mídia é do cotidiano e, ao mesmo tempo, uma alternativa a ele” (Silverstone, 2002, p. 21). É, portanto, no cotidiano que se encontram os elementos dos quais a mídia retira o conteúdo de seus textos, principalmente porque o discurso cotidiano

e o midiático se imbricam em diversas narrativas. Conforme o autor, a mídia “depende do senso comum”, utilizando-o para reproduzi-lo, mas também para explorá-lo e distorcê-lo (Silverstone, 2002). É por meio desse senso comum que o público tem a possibilidade de partilhar vivências, distingui-las umas das outras e refletir sobre elas. A mídia, então, desempenha um papel essencial na promoção dessa reflexão por meio de suas narrativas — ficcionais ou factuais — que atuam como lentes múltiplas pelas quais o mundo é “apresentado e representado: repetida e interminavelmente” (Silverstone, 2002, p. 21-22).

Na série *Quarentena com dona Helena*, as narrativas nascem no cotidiano pandêmico, apresentando rituais caseiros, afetos exacerbados e discursos fragmentados, representando uma forma de apropriação do mundo mediado que absorve informações e crenças via mídias digitais, reorganiza esses conteúdos em torno de sua visão de mundo e devolve à mídia uma versão distorcida e cômica da realidade. É possível evidenciar como, durante a quarentena, a mídia tornou-se uma das únicas formas de contato com o mundo externo, sendo incorporada à rotina como um dispositivo simbólico essencial, abstendo-se de ser apenas um aspecto da vida cotidiana e constituindo-se em uma plataforma dominante de socialização simbólica.

Ao mostrar uma senhora religiosa interpretando eventos globais com base em rumores e crenças pessoais, o humor escancara como as representações midiáticas fragmentadas ganham força de verdade no cotidiano dos sujeitos. O universo simbólico das produções analisadas é povoado por interpretações pessoais da ciência, da política e da fé: todos mediados e misturados em uma dramaturgia do cotidiano que parece natural, mas é profundamente construída. Assim, elabora-se uma metáfora de como os meios transformam práticas cotidianas em representações instáveis e performáticas, alterando a própria lógica de reconhecimento da verdade e do senso comum.

Portanto, a observação dos esquetes selecionados para este artigo revela que temas relacionados ao cotidiano do enfrentamento da crise sanitária, amplamente debatidos pelas mídias, que se tornaram recorrentes na construção das narrativas protagonizadas por Dona Helena são: a) o isolamento social, tomado como medida principal de contenção do vírus, sendo analisado quanto seus efeitos sobre o cotidiano das famílias e as dinâmicas sociais; b) a estocagem de alimentos e produtos de higiene, retratada como uma resposta imediata da população à incerteza e ao medo; c) as tecnologias digitais, que se configuraram como instrumentos indispensáveis para a manutenção das atividades sociais em um contexto de distanciamento físico; d) a esfera política, com foco nos conflitos

entre diferentes níveis de governo e nas decisões acerca das medidas restritivas; e) e a desinformação, emergindo como um desafio significativo, uma vez que a circulação de boatos e conteúdos falsos comprometia os esforços de contenção da pandemia e contribuía para a desorientação da sociedade.

Tratamento das temáticas do cotidiano pandêmico

No texto *Codificação/Decodificação*, Stuart Hall (2003) rompe com a ideia linear de comunicação e propõe que o processo comunicacional envolve a produção e a interpretação de sentidos de forma dinâmica, no qual a recepção tem papel ativo, pois além de consumir, também produz sobre o que consome. Na codificação, os produtores organizam signos e significados de acordo com seus interesses, valores e ideologias. Já na decodificação, o público interpreta a mensagem a partir de suas próprias experiências, crenças e contextos culturais, e a converte em práticas sociais. Hall identifica três posições possíveis na leitura das mensagens: hegemônica (aceitação do sentido proposto), negociada (aceitação parcial com adaptações) e oposicionista (rejeição do sentido proposto). Dessa forma, a comunicação se torna um campo de disputa simbólica, no qual sentidos são constantemente produzidos e ressignificados.

O modelo de codificação/decodificação proposto por Stuart Hall, embora formulado no contexto da televisão, em que a produção era realizada por grandes empresas de comunicação, oferece uma chave interpretativa relevante para compreender como as produções audiovisuais feitas para a *web* dialogam criticamente com os discursos sociais e midiáticos contemporâneos. O modelo continua útil para entender como os sentidos circulam, são aceitos, negociados ou rejeitados, mesmo em ambientes marcados pela segmentação e pela afinidade entre produtores e audiência.

Desta forma, no processo de criação dos esquetes da personagem Dona Helena, os produtores do *Porta dos Fundos* assumem simultaneamente os papéis de receptores e emissores. Ao consumirem conteúdos do cotidiano pandêmico mediados pelas mídias, em reportagens, entrevistas, *lives*, entre outros, realizam leituras críticas desses discursos, identificando posicionamentos, contradições e divergências presentes nestas narrativas, sejam elas elaboradas por vieses progressistas ou conservadores. Esse movimento de decodificação orienta as escolhas temáticas e o tratamento narrativo dos esquetes, nos quais os sentidos são reorganizados por meio da recodificação, de modo a expressar suas próprias leituras de mundo, valores e ideologias.

Os esquetes do grupo são, por consequência, constituídos por movimentos integrados de decodificação, ao interpretar discursos sociais em circulação, e de codificação, ao reorganizar esses elementos em novas formas narrativas que dialogam criticamente com a realidade. Essa dinâmica evidencia como os sentidos são constantemente rearticulados e resignificados nas práticas comunicacionais, em especial no contexto de uma produção audiovisual que transita entre humor, crítica social e intertextualidade.

É necessário, então, buscar nas narrativas estudadas os elementos do cotidiano que são reorganizados fazendo uso dos recursos da comédia. Além da constante representação dos tópicos elencados no item anterior deste trabalho, os episódios também apresentavam temáticas específicas e pertinentes a assuntos pontuais em destaque na mídia. No episódio *Dona Helena tem álcool gel*, apresenta-se a crise de escassez deste produto, que se tornou símbolo tanto do protagonismo na higiene quanto dos desequilíbrios no abastecimento. A corrida em sua busca foi marcada pela carência de estoque nos estabelecimentos comerciais e aumento abusivo de preços devido alta demanda. No episódio, a personagem ostenta seu uso e passa uma receita caseira para fabricação dele.

Em *Cloroquina e Vacina*, Dona Helena traz a narrativa dois temas bastante discutidos naquele momento. No primeiro, o texto remete a defesa entusiástica da hidroxicloroquina pelo presidente Jair Bolsonaro, enquanto as evidências médicas apontavam para a ausência de eficácia comprovada e riscos de efeitos adversos. A personagem demonstra concordar com postura do presidente e passa uma receita caseira do remédio. No segundo esquete, enquanto as primeiras conversas sobre a possibilidade de desenvolvimento de uma vacina contra a Covid-19 é objeto de controvérsias e campanhas de desinformação, o tema é desenvolvido em meio a teorias conspiratórias e, mais uma vez, receitas caseiras.

Em *600 reais*, Dona Helena fala sobre o auxílio emergencial disponibilizado pelo governo federal. O benefício, aprovado em abril de 2020, era destinado a trabalhadores informais e foi alvo de controvérsia devido as dificuldades para se ter acesso ao pagamento. Ao tratar do assunto, o episódio traz uma crítica ao jeitinho brasileiro de tentar atalhos para tentar receber uma vantagem, mesmo estando na iminência de sofrer um golpe.

No esquete *Ciência*, as ações nas redes sociais de combate à desinformação sobre a Covid-19 do biólogo e divulgador científico Átila Iamarino, foram “acusadas” de teorias

conspiratórias em conluio com o Partido dos Trabalhadores (PT). Com formação em microbiologia e experiência em virologia, Iamarino ganhou relevância midiática ao alertar sobre os riscos de alta mortalidade caso não fossem adotadas medidas rigorosas de contenção, prevendo até 1 milhão de mortes no Brasil em cenários sem controle. Por sua postura, recebeu críticas de segmentos conservadores por ter feito projeções consideradas alarmistas, equivocadas ou políticas.

Compreende-se, a partir do tratamento dos textos, que os produtores do *Porta dos Fundos* possuíam posicionamentos alinhados ao campo político progressista, que defendeu fortemente pautas como o respeito às orientações científicas, a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), a adoção do isolamento social e das medidas sanitárias, além da crítica à desinformação e ao negacionismo. Esse posicionamento também incluía o apoio às políticas públicas de proteção social e o combate às desigualdades acentuadas pela crise sanitária. Logo, observa-se que as narrativas analisadas buscavam criticar, por meio do humor, os posicionamentos opostos aos mencionados.

Ao analisar o tratamento das temáticas dos vídeos que são objetos deste artigo, notou-se que é possível identificar tanto os posicionamentos políticos e ideológicos do canal, quanto do nicho de público pretendido. Busca-se, também, nas hipóteses de leituras possíveis propostas por Hall (2003), os elementos que vão ajudar a compreender a formação de público para qual as narrativas do *Porta do Fundos* se direcionam. Neste sentido, a menção à existência de ‘código dominante’ nas narrativas do *Porta dos Fundos*, tem mais a ver com tipos de alinhamentos políticos do canal, que o fato destas narrativas apresentarem algum elemento ideológico de discurso dos grupos hegemônicos. Desta forma, seus textos podem ser acessados por qualquer pessoa que irá se apropriar deles segundo sua bagagem cultural e os converterá em práticas sociais. Sendo que estas decodificações podem ser concordantes, negociadas ou de oposição. O público pretendido, no entanto, é aquele que realizará suas leituras de modo a concordar com os códigos dominantes propostos nas narrativas, ou seja, aqueles que vão rir e concordar com as críticas apresentadas nos discursos sobre o cotidiano pandêmico elaborados por Dona Helena.

Considerações finais

Os textos da série *Quarentena com dona Helena* ressaltam a dimensão da personagem como recurso de mediação entre o humor e o comentário social, ao tratar

temas sensíveis com ironia. A figura principal das narrativas não apenas representa um tipo, mas o interpela: o humor gera identificação e desconforto, mobilizando a crítica, tornando-se relevante na construção de uma memória reflexiva da pandemia e da polarização política no Brasil contemporâneo.

A personagem Dona Helena, embora situada em um cotidiano doméstico e aparentemente comum, carrega em sua construção as marcas das tensões do campo midiático: disputa por verdades, reconfiguração das instituições simbólicas e emergência de novos modos de ser e compreender o mundo. A partir da observação dos textos, é possível compreender como o *Porta dos Fundos* mobiliza o humor como engenho crítico de leitura do cotidiano, desvelando os jogos de poder, os apagamentos e os absurdos naturalizados pela rotina pandêmica.

E decorrência disso, entende-se que a elaboração das temáticas presentes nos textos acontece no cotidiano, a partir de um universo de significados que habitam tanto dentro quanto fora da *Internet* e que a atravessam. Sabe-se que o *Porta dos Fundos* é composto por um coletivo de pessoas que determinam os conteúdos que serão produzidos. São indivíduos que, por depender da *web* como trabalho, precisam estar constantemente atualizados com as ondas de temáticas que se movimentam entre os usuários da rede. Estes movimentos carregam as mensagens que são compreendidas segundo as bagagens de vivências destes produtores, acarretando a interpretação de si e do outro, nas ações de reflexão e autorreflexão que serão transformadas em novos conteúdos. As interpretações podem variar de um indivíduo para o outro, mas o trabalho coletivo demanda consenso: interpretações, decodificações que se percebem nas escolhas das temáticas e seus tratamentos dos assuntos que pairam acerca do cotidiano.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGSON, Henry. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

-
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a revolução digital**. São Paulo: Aleph, 2009
- CORREIA, Joao Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula: A cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- _____. **Obra aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HUTCHEON, Linda. ***Irony's Edge: The Theory and Politics of Irony***. London: Routledge, 1994
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: Edusc, 2001.
- NOGUEIRA, Hellen Ovando da Camara. **A narrativa web como espaço de encontros entre mídias, cultura e sociedade**. 2016. Dissertação (Mestrado em Imagem e Som) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (UFSCar), 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/8619>. Acesso em 7 de junho de 2025.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura moderna: teoria social Crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Cozes, 1995.
- _____. **A Mídia e a Modernidade. Uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.